



ENTRE ALGORITMOS E AUTONOMIA: A Inteligência Artificial Generativa e a Formação Crítica na Educação Contemporânea

Eixo 01 - Educação e Comunicação

Marta Melo de ARAUJO¹

Alisson Azevedo GOIS²

Rejane Canário PEREIRA³

RESUMO

A Inteligência Artificial Generativa (IAGen) vem se consolidando como uma das tecnologias mais disruptivas do século XXI, especialmente na educação. Capaz de produzir textos, imagens, códigos e outros conteúdos de maneira autônoma e contextualizada, a IAGen apresenta um potencial transformador no processo de ensino e aprendizagem. Dessa forma, este artigo tem como objetivo geral refletir criticamente sobre os impactos da IAGen na educação, analisando suas possibilidades pedagógicas, os desafios éticos e as implicações para a formação docente. A metodologia utilizada é de natureza bibliográfica segundo Richardson (2017), com base em autores como Pierre Lévy (2010), Moran (2017), Freire (1996) e Schneider (2023), além de estudos contemporâneos sobre tecnologias digitais aplicadas à educação. Entre as contribuições discutidas, destaca-se o potencial da IAGen como recurso de apoio à personalização do ensino, à produção de conteúdos acessíveis e à ampliação da criatividade discente. Contudo, são também levantadas questões relativas ao plágio, à superficialidade do conhecimento e à dependência tecnológica. Conclui-se que, embora promissora, a integração da IAGen na educação demanda mediação crítica, formação continuada e políticas públicas que favoreçam seu uso ético e pedagógico.

PALAVRAS-CHAVE: Inteligência Artificial; Tecnologia Educacional; Formação Docente; Ética Digital; Inovação Pedagógica.

¹ Mestranda em Educação pela Universidade Tiradentes (Aracaju/SE), especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica pela Faculdade Católica de Ciências Econômicas da Bahia (2009) e em Mídias na Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (2012). Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (2002) e em Letras Português/Inglês pela Faculdade de Ciências de Wenceslau Braz (2018), atua como professora na Prefeitura Municipal de Rio Real-BA desde 2007. E-mail: Martamelorr@hotmail.com; <https://orcid.org/0009-0000-2909-2568>.

² Mestrando em Educação; Programa de Pós-graduação em Educação; Grupo de Pesquisa em Educação, Tecnologia da Informação e Cibercultura; Universidade Tiradentes-UNIT; e-mail: mestrado_alisson@souunit.com.br; ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-7108-5977>.

³ Pedagoga especializada em Orientação Educacional, servidora pública, ocupante dos cargos de professora e coordenadora pedagógica da rede municipal de ensino público do município de Euclides da Cunha/ BA. Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Tiradentes (Unit), pesquisadora em Educação e Formação Docente. E-mail: mestrado_rejanecp@souunit.com.br; <https://orcid.org/0009-0002-8745-1375>.



ABSTRACT

Generative Artificial Intelligence (GAI) has been consolidating itself as one of the most disruptive technologies of the 21st century, especially in the field of education. Capable of autonomously and contextually producing texts, images, code, and other content, GAI presents a transformative potential for the teaching and learning process. Thus, this article aims to critically reflect on the impacts of GAI in education, analyzing its pedagogical possibilities, ethical challenges, and implications for teacher training. The methodology adopted is bibliographic in nature, according to Richardson (2017), and is based on authors such as Pierre Lévy (2010), Moran (2017), Freire (1996), and Schneider (2023), in addition to contemporary studies on digital technologies applied to education. Among the contributions discussed, the potential of GAI as a tool to support personalized learning, the production of accessible content, and the enhancement of student creativity stands out. However, issues related to plagiarism, knowledge superficiality, and technological dependence are also raised. It is concluded that, although promising, the integration of GAI into education requires critical mediation, continuous teacher development, and public policies that promote its ethical and pedagogical use.

KEYWORDS: Artificial Intelligence; Educational Technology; Teacher Training; Digital Ethics; Pedagogical Innovation.

1 Introdução

A educação contemporânea tem sido atravessada por transformações provocadas pelo avanço das tecnologias digitais como demonstra as pesquisas de Araujo e Vasconcelos (2025), Martins, Ferrete e Vasconcelos (2025), dentre outros. Dentre essas inovações, destaca-se a Inteligência Artificial Generativa (IAGen), que introduz novos modos de interação com o conhecimento ao permitir a criação autônoma de textos, imagens, códigos e conteúdos multimodais. Seu uso crescente no cotidiano escolar impõe à educação o desafio de compreender, integrar e, sobretudo, criticar suas implicações pedagógicas e éticas.

A emergência da IAGen na sala de aula, como destaca Lévy (2010), representa não apenas uma mudança tecnológica, mas uma mutação cognitiva. Segundo Lévy (2010), as tecnologias da inteligência não apenas ampliam as capacidades mentais humanas, como também provocam profundas transformações nas formas de pensar, aprender e conhecer. Nesse sentido, a IAGen não deve ser vista como um mero recurso, mas como uma mediação cultural que reconfigura a prática docente, os processos de avaliação e a autoria na produção do conhecimento.

Conforme afirma Freire (1996), o educador deve estar atento aos contextos históricos e culturais nos quais os sujeitos estão inseridos, posicionando-se de forma crítica frente às estruturas tecnológicas. Nesse cenário, a IAGen não pode ser apropriada de maneira neutra ou tecnicista, mas



deve ser discutida à luz de uma pedagogia emancipadora. Freire (1996) argumenta que ensinar não se resume à simples transferência de conhecimento, mas consiste na criação de condições que favoreçam a construção autônoma do saber, destacando que o ato de ensinar também implica aprendizado, assim como o ato de aprender envolve ensinar.

A presença desses recursos em ambientes escolares e universitários traz também a necessidade de formar professores para além do uso instrumental da tecnologia. Como destaca Moran (2017), Para Moran (2017), mais do que simplesmente utilizar as tecnologias, é fundamental que o professor compreenda as lógicas que sustentam esses instrumentos, de modo a integrá-las criticamente ao processo pedagógico e transformá-las em experiências de aprendizagem significativas. requer uma formação continuada comprometida com a reflexão crítica e ética sobre os recursos digitais.

Além disso, as preocupações éticas envolvendo a IAGen têm sido destacadas em estudos recentes, especialmente no que se refere ao uso indevido de dispositivos para burlar atividades avaliativas, à produção de conteúdos enviesados e à dependência de sistemas que operam a partir de bases de dados que reproduzem desigualdades. Schneider (2023) enfatiza que a inteligência artificial generativa tem potencial para enriquecer os processos educacionais, desde que seu uso esteja orientado por intencionalidade pedagógica e princípios éticos. No entanto, alerta que o uso indiscriminado desses instrumentos pode simplificar excessivamente a aprendizagem, comprometendo o desenvolvimento do pensamento crítico dos estudantes.

Além disso, segundo Santos (2024), é fundamental que a escola se posicione como espaço de curadoria tecnológica e não como mera usuária passiva de soluções prontas: Santos (2024) defende que a educação deve assumir um papel central nas discussões sobre inteligência artificial, sendo responsável não apenas por formar usuários das tecnologias, mas cidadãos críticos, capazes de compreender e intervir nas dinâmicas tecnológicas que impactam suas vidas.

Assim, este artigo propõe como objetivo geral refletir criticamente sobre os impactos da Inteligência Artificial Generativa (IAGen) na educação, analisando suas possibilidades pedagógicas, os desafios éticos e as implicações para a formação docente. A metodologia adotada, segundo Richardson (2017), é de abordagem qualitativa e de cunho bibliográfico, com base em autores clássicos e contemporâneos que dialogam com a temática da tecnologia e educação, visando



contribuir para a construção de um olhar mais crítico e propositivo sobre a presença da IAGen no contexto educacional brasileiro.

2 A Inteligência Artificial Generativa e sua inserção na cultura digital

A ascensão da Inteligência Artificial Generativa (IAGen) no cenário educacional insere-se em um movimento mais amplo de transformação digital que redefine práticas sociais, culturais e cognitivas. Diferente de outras tecnologias computacionais baseadas em execução de tarefas programadas, a IAGen caracteriza-se pela capacidade de aprender com grandes volumes de dados, reconhecer padrões complexos e gerar novos conteúdos – como textos, imagens, músicas, códigos e vídeos – de maneira autônoma e contextualizada gerando novos conteúdos.

Essa forma de inteligência artificial opera por meio de redes neurais profundas, particularmente os chamados modelos de linguagem de grande escala (LLMs – Large Language Models), como o GPT-4 da OpenAI, que são treinados com bilhões de parâmetros para prever e construir respostas linguísticas com base na probabilidade estatística de ocorrência das palavras. Segundo Russell e Norvig (2021), “a IA generativa rompe com o paradigma da automação simples ao promover simulações criativas de linguagem, imagem e som, desafiando a noção de autoria humana tradicional” (p. 341).

O impacto desse tipo de tecnologia ultrapassa o campo da engenharia e alcança a esfera da cultura digital. Como observa Lévy (2010), vivemos a era da “inteligência coletiva”, na qual o conhecimento é cada vez mais distribuído, interconectado e mediado por dispositivos tecnológicos que reorganizam o modo como produzimos e compartilhamos sentido. A IAGen, nesse contexto, age como um catalisador de mudanças, pois: “[...] ao não apenas transmitir, mas também gerar conhecimento textual e visual, as inteligências artificiais ampliam o campo da cognição coletiva e deslocam o lugar do humano como centro único da criação cultural” (Lévy, 2010, p. 45).

Esse deslocamento, porém, não significa uma substituição da inteligência humana, mas uma reconfiguração das funções cognitivas envolvidas nos processos de leitura, escrita, pesquisa e expressão. Para Lima (2023), o grande diferencial da IAGen está na sua performatividade discursiva, ou seja, na sua capacidade de simular interações humanas complexas e coesas, o que a torna



especialmente atrativa em contextos educacionais, sobretudo na produção textual, na correção automatizada, na tradução e na elaboração de recursos didáticos.

Entretanto, a assimilação da IAGen no cotidiano escolar exige mais do que acesso técnico. É preciso compreendê-la como fenômeno sociotécnico e epistemológico, cujas implicações vão desde a redefinição da autoria até a emergência de novas formas de mediação pedagógica. Como adverte Selwyn (2021), “as escolas não devem apenas introduzir novas tecnologias, mas debater os valores, interesses e ideologias que essas tecnologias carregam consigo” (p. 96).

A essa complexidade soma-se a velocidade com que essas tecnologias são inseridas nos ambientes digitais de aprendizagem. Plataformas como *ChatGPT*, *DALL-E*, *Copilot* e outras têm sido adotadas por estudantes em larga escala, muitas vezes sem orientação pedagógica, gerando inquietações no campo da avaliação, do plágio e da formação crítica. Em uma pesquisa recente conduzida pelo Centro de Inovação para a Educação Brasileira (CIEB, 2023), mais de 60% dos professores afirmaram desconhecer completamente o funcionamento dos recursos de IA generativa, apesar de reconhecerem seu uso crescente por parte dos alunos.

Diante desse cenário, cabe à educação assumir o papel de agente reflexivo e regulador do uso dessas tecnologias. Isso implica reconhecer que a IAGen não é neutra, mas carregada de intencionalidades e limites. Como escreve Schneider (2023),

[...] a inteligência artificial generativa precisa ser compreendida não apenas como um instrumento inovador, mas como um artefato cultural que carrega consigo vieses, exclusões e perspectivas políticas que devem ser criticadas no ambiente escolar (Schneider, 2023, p. 92).

Assim, ao invés de banir ou abraçar cegamente a IAGen, o desafio está em construir uma abordagem crítica e pedagógica que promova seu uso ético, criativo e consciente, preparando estudantes e docentes para interagir com essas tecnologias de forma ativa e transformadora.

2.1 A mediação docente na era da IA: desafios para a formação crítica

Com a crescente presença da Inteligência Artificial Generativa nos ambientes de ensino, o papel do professor passa a ser profundamente reconfigurado. A mediação docente, antes centrada no domínio de conteúdos e na transmissão do conhecimento, assume agora um caráter mais curatorial,



ético e estratégico, exigindo uma atuação capaz de orientar os estudantes na leitura crítica, na verificação de fontes e no uso consciente das tecnologias digitais emergentes.

Segundo Nóvoa (2009), a docência do século XXI demanda não apenas domínio técnico, mas sobretudo uma postura intelectual e política diante dos desafios contemporâneos. Em tempos de IAGen, essa reflexão se intensifica, pois os recursos de IA não apenas modificam a dinâmica das aulas, mas também a própria noção de autoria, de avaliação e de aprendizagem. Como destaca Kenski (2019):

[...] o papel do professor é ressignificado em uma era na qual o conhecimento não está mais apenas nos livros ou nas salas de aula, mas circula em redes, plataformas e algoritmos. É preciso ensinar a pensar sobre a informação, a duvidar, a investigar (Kenski, 2019, p. 41).

A formação docente, nesse contexto, precisa ser ampliada para além da capacitação técnica no uso de dispositivos. É necessário fomentar o desenvolvimento de competências digitais críticas, que articulem os saberes pedagógicos, tecnológicos e éticos. Como argumenta Moran (2020), “não basta saber usar uma tecnologia; é preciso compreender as lógicas que a estruturam, os interesses que a movem e as implicações que ela gera nos processos educativos” (p. 62). Isso significa repensar os currículos dos cursos de licenciatura e investir em formação continuada, principalmente nas redes públicas, que enfrentam maiores dificuldades de acesso e infraestrutura.

Nesse sentido, cabe ao professor atuar como mediador cultural e ético, alguém capaz de selecionar, adaptar e contextualizar as tecnologias digitais, aproximando-as das realidades dos alunos. A mediação crítica implica compreender que a tecnologia não é um fim em si mesma, mas um meio que precisa ser apropriado com intencionalidade pedagógica. Como bem observa Freire (1996), “[...] a educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa” (Freire, 1996, p. 45).

Portanto, a integração da IAGen na prática docente exige que o educador atue como formador de consciências, comprometido com a construção de uma educação democrática, crítica e inclusiva. Essa perspectiva exige ainda o desenvolvimento do letramento digital e algorítmico, uma vez que a IAGen opera a partir de lógicas automatizadas que, se não forem compreendidas, podem naturalizar preconceitos e reforçar desigualdades históricas. Selwyn (2021), por exemplo, alerta para o risco de se introduzir tecnologias sem o devido debate pedagógico,



A introdução de sistemas de IA nas escolas pode parecer moderna e eficiente, mas sem um debate fundamentado sobre sua lógica de funcionamento, acabamos reproduzindo um ensino controlado por caixas-pretas algorítmicas, afastando o aluno da construção ativa do conhecimento (Selwyn, 2021, p. 99).

Além disso, deve-se considerar a responsabilidade ética do educador frente ao uso desses recursos, especialmente no que se refere à proteção de dados, à verificação de informações falsas e à prevenção de usos indevidos da IAGen por parte dos estudantes. A mediação crítica torna-se, assim, o eixo articulador entre tecnologia e pedagogia, e deve estar presente desde os primeiros anos da formação docente até os processos de atualização profissional ao longo da carreira (Araujo; Vasconcelos; Canário, 2025).

Em síntese, a presença da IAGen nas instituições educativas impõe à docência novos desafios e oportunidades. Mais do que aprender a usar recursos digitais, é fundamental formar professores capazes de pensar criticamente sobre elas, reinventando práticas pedagógicas, realizando curadoria dos conteúdos gerados pela IAGen, promovendo a autonomia discente e fortalecendo uma educação orientada por valores democráticos, colaborativos e humanizadores.

2.2 Riscos e potenciais pedagógicos da IAGen

A presença crescente da Inteligência Artificial Generativa (IAGen) nos processos educacionais tem provocado reações ambíguas entre educadores, gestores e pesquisadores. De um lado, são reconhecidas as inúmeras possibilidades de transformação pedagógica que esses recursos oferecem, como a personalização da aprendizagem, o apoio à inclusão, a ampliação da criatividade e a aceleração de tarefas administrativas e avaliativas. De outro, emergem preocupações legítimas em relação ao plágio automatizado, à desinformação, à dependência tecnológica, à erosão da autoria intelectual e à reprodução de vieses discriminatórios oriundos das bases de dados com as quais esses sistemas são treinados.

Os potenciais pedagógicos da IAGen devem ser compreendidos em sua complexidade. Uma das suas principais contribuições é a possibilidade de personalizar o ensino com base em respostas adaptadas às necessidades de cada estudante. Recursos como *ChatGPT*, por exemplo, têm sido utilizados para reformular questões, oferecer explicações adicionais ou simular tutoriais, incentivando a aprendizagem autônoma. Segundo Luckin *et al.* (2016), “a IA aplicada à educação pode apoiar o



desenvolvimento de trilhas de aprendizagem individualizadas, promovendo maior engajamento e autonomia dos estudantes” (p. 12).

Outro aspecto importante refere-se à inclusão. A IAGen pode ser empregada para gerar conteúdos acessíveis, como descrições em áudio, resumos simplificados e traduções automáticas, contribuindo para a democratização do acesso ao conhecimento. Essa possibilidade é destacada por Moran (2020), ao afirmar que “as tecnologias digitais bem orientadas favorecem o acesso ao currículo por estudantes com deficiências, respeitando ritmos e modos de aprender diversos” (p. 73).

Contudo, é fundamental considerar os riscos pedagógicos e éticos. Um dos problemas mais debatidos refere-se ao uso indiscriminado desses recursos para a realização de tarefas escolares e acadêmicas sem mediação crítica, o que pode gerar práticas de plágio automatizado e comprometimento do desenvolvimento das habilidades cognitivas dos estudantes. Conforme aponta Santos (2024),

[...] O uso acrítico da IAG na escola, sem discussões sobre autoria, direitos e veracidade, pode naturalizar a dependência de sistemas automatizados e enfraquecer o pensamento reflexivo, a escrita original e a investigação autônoma (Santos, 2024, p. 115).

Além disso, os modelos de IA são treinados com grandes volumes de dados disponíveis na internet, muitos dos quais contêm preconceitos históricos, estereótipos e visões eurocêntricas. Como resultado, os conteúdos gerados podem reproduzir, ainda que de forma sutil, desigualdades de raça, gênero, classe e região. Para Bender *et al.* (2021), “[...] os sistemas generativos baseados em linguagem são propensos a gerar resultados enviesados, sexistas ou racistas, mesmo quando não intencionais, pois aprendem a partir de corpora desiguais” (p. 617).

Nesse contexto, é essencial que os professores e as instituições de ensino atuem como agentes críticos e reguladores, promovendo uma cultura de uso ético e pedagógico dos instrumentos. A seguir, apresentamos um quadro que sintetiza os principais potenciais pedagógicos e riscos educacionais relacionados à IAGen:

Quadro 1 - Potenciais e riscos da Inteligência Artificial Generativa na educação

Potenciais Pedagógicos	Riscos e Desafios Éticos
Personalização do ensino e feedback em tempo real	Plágio automatizado e fragilização da autoria



Criação de conteúdos acessíveis para inclusão	Reforço de preconceitos e vieses algorítmicos
Estímulo à criatividade e à escrita colaborativa	Superficialidade cognitiva e respostas sem aprofundamento
Apoio a alunos com dificuldades ou deficiências	Dependência tecnológica e desvalorização do trabalho docente
Agilidade em tarefas administrativas e elaboração de provas	Falta de transparência no funcionamento dos algoritmos

Fonte: Elaborado com base em Luckin *et al.* (2016), Bender *et al.* (2021), Santos (2024) e Moran (2020).

Como se observa, a presença da IAGen no ambiente educacional não é neutra nem unívoca. Seus efeitos dependem da intencionalidade pedagógica com que são empregadas, das políticas institucionais de formação e segurança digital, bem como do nível de maturidade tecnológica dos professores e estudantes. Para Schneider (2023), “[...] a inovação tecnológica só é educativa quando está a serviço da autonomia, da criticidade e da emancipação do sujeito” (p. 93).

Portanto, é fundamental construir uma cultura educacional pautada pela ética, pela consciência crítica e pelo uso responsável dos recursos de IA. A tecnologia, nesse cenário, deve ser compreendida como meio, e não como fim, mediada pela intencionalidade pedagógica, pelo compromisso com a inclusão e pela promoção de uma aprendizagem significativa e cidadã.

3 Metodologia

Este artigo insere-se no campo das pesquisas qualitativas de natureza teórico-bibliográfica, com o objetivo refletir criticamente sobre os impactos da Inteligência Artificial Generativa (IAGen) na educação, analisando suas possibilidades pedagógicas, os desafios éticos e as implicações para a formação docente. A investigação fundamenta-se na análise de referenciais teóricos e estudos recentes que tratam da relação entre tecnologia, educação e ética, com ênfase nas implicações pedagógicas do uso de dispositivos baseados em inteligência artificial em ambientes escolares e universitários.

De acordo com Gil (2019), a pesquisa bibliográfica caracteriza-se por se apoiar em material já publicado, sobretudo livros, artigos científicos e documentos institucionais, permitindo ao pesquisador examinar um problema sob múltiplas perspectivas. Assim, esta abordagem foi escolhida por possibilitar a sistematização de conceitos, experiências e debates em torno da temática da IAGen, contribuindo para a construção de um olhar crítico e fundamentado.



Os dados foram extraídos de fontes secundárias, tais como livros especializados, artigos em periódicos indexados, relatórios de organizações educacionais e obras clássicas da educação, a exemplo de Paulo Freire (1996), Pierre Lévy (2010), Moran (2020), Selwyn (2021), Schneider (2023), entre outros. Foram privilegiadas produções acadêmicas publicadas nos últimos dez anos, além de documentos recentes de relevância internacional, como relatórios do CIEB (2023), Pearson (2016) e conferências científicas da área de Inteligência Artificial e Educação.

A análise do material bibliográfico foi conduzida a partir da técnica de leitura analítica e interpretativa, priorizando categorias como: (i) mediação docente frente à IAG; (ii) potencialidades e riscos pedagógicos da inteligência artificial; (iii) implicações éticas e epistemológicas das tecnologias generativas na educação. A escolha dessas categorias se deu de forma emergente durante o levantamento e sistematização do corpus teórico.

A natureza reflexiva da metodologia adotada possibilita não apenas descrever o fenômeno, mas problematizá-lo a partir de um marco ético-político-educacional, em consonância com as abordagens críticas da educação. Como afirma Minayo (2008), a pesquisa qualitativa “não busca estabelecer generalizações estatísticas, mas compreender os significados atribuídos pelos sujeitos e contextos ao objeto investigado” (p. 23).

Dessa forma, o estudo aqui apresentado se propõe a contribuir para o debate sobre o papel das tecnologias emergentes na educação, ressaltando a importância da intencionalidade pedagógica, da formação docente crítica e da mediação consciente no uso de dispositivos como a Inteligência Artificial Generativa.

4 Considerações Finais

A Inteligência Artificial Generativa (IAGen) representa uma das mais disruptivas tecnologias contemporâneas aplicadas ao campo educacional. Sua capacidade de produzir conteúdos complexos, interativos e contextualizados desafia os modelos tradicionais de ensino e exige novas posturas pedagógicas, éticas e epistemológicas por parte de professores, estudantes e gestores.

Neste artigo, buscou-se refletir criticamente sobre os impactos da IAGen na educação, com destaque para suas possibilidades de inovação pedagógica e, ao mesmo tempo, para os riscos que sua aplicação indiscriminada pode gerar. Com base na literatura especializada, foi possível identificar que a IAGen pode favorecer a personalização do ensino, a inclusão de estudantes com deficiência, a



criatividade discente e a ampliação do acesso ao conhecimento, desde que empregada com intencionalidade educativa e reflexão crítica.

No entanto, também se evidenciou que o uso acrítico ou desregulado desses dispositivos pode comprometer a autonomia intelectual, estimular práticas de plágio automatizado, reforçar desigualdades sociais e culturais por meio de algoritmos enviesados, além de gerar dependência tecnológica. Como indicam Freire (1996), Moran (2020), Selwyn (2021) e outros autores aqui mobilizados, é preciso que a escola seja mais do que um espaço de uso de tecnologias: ela deve assumir-se como espaço de formação ética, crítica e democrática frente às novas mediações digitais.

A mediação docente assume, nesse cenário, um papel estratégico. Cabe ao educador atuar como curador, facilitador e provocador de sentidos, auxiliando os estudantes a navegarem pelas complexidades do mundo digital sem se perderem na superficialidade dos automatismos. Isso requer, entretanto, políticas públicas voltadas à formação continuada, à infraestrutura tecnológica nas escolas e ao desenvolvimento de competências digitais docentes.

Conclui-se que a IAGen, por si só, não revoluciona a educação. O que transforma a prática pedagógica é o modo como as tecnologias são apropriadas no interior de um projeto educativo comprometido com a equidade, a emancipação e a construção coletiva do saber. Nesse sentido, mais do que decidir se a escola deve ou não utilizar instrumentos de IA, o desafio está em definir como, com que objetivos e sob quais princípios essas tecnologias serão integradas aos processos formativos. Trata-se, portanto, de uma escolha ética e pedagógica, que interpela o presente e projeta o futuro da educação em tempos de inteligência artificial.

Referências

ARAÚJO, M. M. de; VASCONCELOS, A. D. Tecnologia digital na educação: uma revisão sistemática da literatura. REVISTA DELOS, [S. l.], v. 18, n. 66, p. e4777, 2025.

DOI:10.55905/rdelosv18.n66-095 . Disponível em:

<https://ojs.revistadelos.com/ojs/index.php/delos/article/view/4777> . Acesso em: 3 ago. 2025.

ARAÚJO, Marta Melo de; VASCONCELOS, Alana Danielly; CANÁRIO, Rejane. Tecnologias digitais, comunicação e educação: perspectivas de pesquisa na formação docente contemporânea. Cadernos Cajuína, [S. l.], v. 10, n. 2, p. e991, 2025. DOI: 10.52641/cadcajv10i2.991. Disponível em: <https://v3.cadernoscajuina.pro.br/index.php/revista/article/view/991>. Acesso em: 3 ago. 2025.

BENDER, Emily; GEBRU, Timnit; McMILLAN-MAJOR, Angelina; SHMITCHEVA, Shmargaret. On the Dangers of Stochastic Parrots: Can Language Models Be Too Big? In: **Proceedings of the**



2021 ACM Conference on Fairness, Accountability, and Transparency. New York: ACM,. 610–623, 2021. Disponível em: <https://dl.acm.org/doi/10.1145/3442188.3445922>. Acesso em: 27 jul. 2025.

BENGIO, Yoshua. **Deep learning:** o futuro da inteligência artificial. São Paulo: Alta Books, 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias:** o novo ritmo da informação. 7. ed. Campinas: Papirus, 2019.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência:** o futuro do pensamento na era da informática. 2. ed. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 2010.

LIMA, Rogério da Costa. **Performatividade algorítmica e educação crítica.** São Paulo: Edições CEDES, 2023.

LUCKIN, Rosemary et al. ***Intelligence unleashed: an argument for AI in education.*** London: Pearson Education, 2016. Disponível em: <https://www.pearson.com>. Acesso em: 27 jul. 2025.

MARTINS, Wislanny Santos; FERRETE, Anne Alilma Silva Souza; VASCONCELOS, Alana Danielly. INFLUÊNCIAS DAS TECNOLOGIAS MÓVEIS DIGITAIS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA PRÁTICA PEDAGÓGICA. REI - Revista de Educação do UNIDEAU, [S. l.], v. 5, n. 1, p. e265, 2025. DOI: 10.55905/reiv5n1-015. Disponível em: <https://periodicos.ideau.com.br/index.php/rei/article/view/265> . Acesso em: 3 ago. 2025.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos:** novos desafios e como chegar lá. São Paulo: Papirus, 2020.

NÓVOA, António. **Os professores e a sua formação.** Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2009.

RICHARDSON, Roberto Jarry. Pesquisa social: métodos e técnicas /colaboração Dietmar Klaus Pfeiffer. – 4. ed. rev., atual. e ampl. – São Paulo : Atlas, 2017.

RUSSELL, Stuart J.; NORVIG, Peter. **Inteligência artificial.** 4. ed. São Paulo: Pearson, 2021.

SANTOS, Adriana Silva dos. **Educação digital crítica:** formação docente e cidadania algorítmica. Belo Horizonte: Autêntica, 2024.



SIMEDUC

12º Simpósio Internacional de Educação e Comunicação
3º Fórum Permanente Paulo Freire

22 a 24 de outubro de 2025

ISSN: 2179-4901

SCHNEIDER, Henrique Nou. **Tecnologia e formação humana: desafios da docência na era da inteligência artificial.** Porto Alegre: Penso, 2023.

SELWYN, Neil. **Should robots replace teachers? AI and the future of education.** Cambridge: Polity Press, 2021.